

O aspecto e a interpretação de presente em línguas passado/não-passado versus línguas futuro/não-futuro

Ana Müller
Universidade de São Paulo
Roberlei Bertucci
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: O presente trabalho analisa a interpretação da morfologia temporal de formas simples e não-marcadas em línguas de distinção futuro/não-futuro, como o Karitiana, e passado/não-passado, como o inglês e o português brasileiro. A comparação entre essas línguas, no que diz respeito à interpretação permitida por tais formas, a partir da interação entre os aspectos gramatical e lexical (Aktionsart), aponta para semelhanças com relação às leituras de simultaneidade e de habitualidade nos dois sistemas. Nesse sentido, a proposta de Smith (2008) de restrição via *Bounded Event Coinstraint* parece explicar os dados das línguas tomadas para análise neste trabalho.

1. Introdução

A expressão da temporalidade nas línguas humanas tem sido um tópico de grande interesse para gramáticos, linguistas e filósofos. Klein (2009) afirma que as experiências dos seres humanos com o tempo em suas vidas são muitas vezes expressas linguisticamente por meio de elementos que tomam um papel específico na gramática de uma língua. Ainda que diferentes na expressão de determinadas noções, todas as línguas têm formas próprias de expressar o tempo: em chinês, por exemplo, a diferença entre passado, presente e futuro não é dada pela morfologia verbal, mas por adjuntos adverbiais e/ou partículas temporais (KLEIN 2009); em Karitiana¹, língua amazônica, falada em Rondônia, não há distinção gramatical entre esses três momentos, mas apenas entre futuro e não-futuro (STORTO 2002). No entanto, não podemos dizer que tais línguas não possam expressar o presente, o passado e o futuro, já que fazem uso de outros recursos para essa codificação.

Os sistemas temporais das línguas naturais estão organizados em torno de duas distinções básicas: passado vs. não-passado; e futuro vs. não-futuro (COMRIE, 1985).² Em línguas do primeiro tipo, a marca morfológica a que tradicionalmente denominamos de presente é parte do que classificaremos como não-passado. Por outro lado, em línguas do segundo tipo, a marca morfológica

¹ Optamos por escrever os nomes indígenas com maiúsculas conforme convenção entre os indigenistas.

² Usamos o hífen para expressar que se trata da presença e não da ausência de um traço.

que faz referência ao tempo presente faz parte do que classificaremos como não-futuro. Assim, chamaremos de não-marcadas a todas as flexões morfológicas que abarcam os tempos não-passado e não-futuro. As formas não-marcadas têm a capacidade de exprimir a coincidência ou a inclusão entre o momento da fala e o momento sobre o qual se fala.

Este artigo enfoca a interpretação da morfologia temporal a que chamamos de não-marcada em línguas pertencentes aos dois tipos de sistema mencionados acima. Mais especificamente, enfocaremos a interpretação dos tempos não-marcados em suas formas simples em português brasileiro (PB), inglês e Karitiana (família Arikén, tronco Tupi). Consideramos tempos simples as marcas temporais que não formam perífrases. Assim, sentenças como (1a) do PB estão sob o escopo deste artigo, e sentenças como (1b) e (1c) dessa mesma língua não estão sob seu escopo, apesar de flexionadas para o tempo não-marcado (a que nossa tradição gramatical chama de ‘presente’).

- (1) a. João nada.
- b. João está nadando.
- c. João tem nadado.

Existem duas interpretações que ancoram uma situação no presente. A primeira é a interpretação a que chamaremos de simultânea. Nela, o evento ou estado é interpretado como co-ocorrendo com a enunciação, como nas sentenças (2) e (3) do PB. A segunda interpretação é a que chamaremos de habitual ou genérica.³ Nela, o momento da fala está inserido no intervalo de duração do evento ou estado, sem que o evento esteja necessariamente ocorrendo no exato momento em que a sentença é enunciada, como exemplificado pelas sentenças (4) e (5).

- (2) João está cansado agora.
- (3) João está nadando neste exato momento.
- (4) João corre todos os dias.
- (5) Leões comem búfalos.

³ As leituras genéricas e habituais podem ou não ser consideradas distintas. Para este trabalho essa distinção não é relevante e não será levada em conta.

Sabe-se que, em muitas línguas, como, por exemplo, no inglês, no francês, no Navaho e no mandarim, as interpretações do tempo não-marcado variam com o aspecto lexical e/ou com o aspecto gramatical do predicado utilizado (LACA 2012, SMITH 1991, 2008). Smith (2008) explica essa variação na interpretação do presente através do *Bounded Event Constraint*.⁴ A autora assume que o momento da fala é pontual, i.e., ele denota um ponto no tempo e não um intervalo. Consequentemente, para que um predicado seja interpretado como simultâneo ao momento da fala, ele precisa descrever o evento ou estado como não delimitado (*unbounded*). Predicados não delimitados geram uma leitura simultânea para a marca de presente porque eles permitem que o momento da fala esteja incluído na duração do evento ou estado. Já predicados delimitados, exigem o oposto: que a duração do evento esteja incluída no momento da fala, o que não é possível, por ser o momento da fala pontual.

Línguas como o Karitiana, de tipo futuro vs. não-futuro, têm seus sistemas temporais ainda pouco estudados e muito pouco se sabe sobre a influência do aspecto gramatical e do aspecto lexical do predicado sobre a interpretação de seu tempo não marcado. Mesmo para o português brasileiro, a influência do aspecto lexical e do aspecto gramatical na interpretação de presente tem sido pouco estudada pela linguística formal. Este artigo pretende colaborar para a diminuição dessa lacuna.

Neste trabalho, enfrentamos a questão de quais são as propriedades do aspecto lexical e gramatical que licenciam as interpretações de presente – simultânea e habitual/genérica - dos tempos não-marcados nos dois tipos de línguas. Enfrentamos também a questão mais geral de se os dois sistemas – passado vs. não-passado e futuro vs. não-futuro – são simétricos em relação à interpretação de presente de seus tempos não-marcados. Para abordar essas questões, vamos partir da proposta de Smith (1991, 2008) que descrevemos brevemente acima. Para o tratamento formal do tempo e do aspecto, vamos assumir, basicamente, a proposta sobre tempo e aspecto de Klein (1994), em que o autor detalha a sugestão de Reinchenbach (1947) para análise de tempo a partir da relação entre momentos de tempo distintos em uma dada sentença.

Nossa análise verifica as seguintes hipóteses: a primeira de que os sistemas temporais de línguas passado vs. não-passado e futuro vs. não-futuro podem aparentemente ser tratados como imagens espelhadas um do outro, desde que o aspecto lexical e o aspecto gramatical sejam levados em conta separadamente; depois, que a leitura habitual/genérica é *default* para os tempos não

⁴ *Bounded Event Constraint*: “Restrição a eventos delimitados”. Deixaremos o nome dessa restrição em inglês, por ser como ela é conhecida na literatura sobre o assunto. Discutiremos o BEC e suas implicações em mais detalhe na seção IV.

marcados nesses sistemas; finalmente, que, em línguas que possuem aspecto gramatical, leituras de simultaneidade são possíveis apenas com o aspecto imperfectivo. Uma consequência dessa última hipótese é que, nas três línguas investigadas, o tempo não-marcado possuiria aspecto perfectivo.

Este trabalho está dividido em 5 seções. A primeira é esta introdução. Na segunda, apresentaremos a base teórica para análise de tempo e aspecto; na terceira seção, diferenciaremos os dois sistemas temporais que são foco de nossa discussão; e analisaremos em detalhe as interpretações de presente dos tempos não-marcados em cada uma das três línguas investigadas. A seção quatro apresentará nossa análise. Finalmente, na seção cinco, apresentaremos as nossas conclusões.

2. A abordagem do tempo e do aspecto nas línguas naturais

Nesta seção, apresentaremos o pano de fundo teórico a ser utilizado para a descrição e a análise dos fenômenos relacionados ao tempo e ao aspecto das línguas investigadas, assumindo a proposta de Klein (1994) para a análise sobre tempo e aspecto gramatical e a proposta de Rothstein (2004) para o aspecto lexical.

Klein (1994) retoma a discussão sobre tempo e aspecto feita por Reichenbach (1947), em que esse autor propôs que tais categorias seriam dadas a partir de uma relação entre intervalos de tempo, mais precisamente, o momento da fala, o momento da situação evento e o momento do tópico, já fazendo uso dos termos de Klein (1994). Assim, para Klein (1994), as marcas gramaticais de tempo e aspecto devem ser pensadas a partir de três momentos: o momento de tópico (TT), sobre o qual o falante faz a asserção; o momento de fala (TU), em que o falante pronuncia a sentença e o momento da situação (TSit), relacionado à duração interna do evento descrito na sentença.⁵

Esses intervalos podem ser relativamente fáceis de serem reconhecidos nas sentenças das línguas naturais. Pelo menos, todo falante, ao fazer uso da língua, lança mão de tais momentos para construir suas sentenças. Por exemplo, nas sentenças em (6), o momento de tópico da oração principal é dado pela oração subordinada temporal, que inicia as sentenças (*Quando eu cheguei/chego/chegar*). Vamos imaginar que, ao pronunciarmos essas sentenças, a luz esteve acesa durante o mesmo intervalo de tempo para todas as sentenças, por exemplo, de 24 horas antes até 24 horas depois do momento da fala. Observe que, apesar de, neste caso, o intervalo de tempo em que a luz esteve acesa,

⁵ TT é o equivalente a *Topic Time*, TU, a *Time of Utterance* e TSit, *Time of the Situation*, em inglês. Deixamos as abreviações em inglês por já serem tradicionais na literatura sobre o assunto.

e o momento da fala serem os mesmos para as três sentenças, a morfologia de tempo varia dependendo do momento de tópico estabelecido pela oração subordinada. De fato, elas são um exemplo claro de que a caracterização do fato de a luz estar acesa é feita sempre a partir da relação entre esse momento de tópico e o momento da fala. E essa relação varia, sendo o momento do tópico anterior (6a), simultâneo (6b) ou posterior (6c) ao momento da fala, o que explica a variação na morfologia de tempo da oração principal: passado (6a); presente (6b); e futuro (6c).

- (6) a. Quando eu cheguei, a luz *estava acesa*.
b. Quando eu chego, a luz *está acesa*.
c. Quando eu chegar, a luz *estará acesa*.

Por sua vez, o momento da fala é o momento em que a sentença é pronunciada. É, portanto, o momento no tempo em que alguém fala sobre o estado ou sobre o evento em questão. Tradicionalmente, assume-se que o momento da fala é instantâneo e, portanto, pontual (cf.: SMITH 1991). Se as sentenças em (6) forem pronunciadas neste exato momento (agora), esse *agora* será o momento de fala delas. Já o momento da situação é o intervalo de tempo intrínseco ao evento. Em (6), o momento da situação é representado pelo uso do infinitivo em *a luz estar acesa*.

Passamos agora a apresentar separadamente o tratamento do tempo (2.1) e do aspecto (2.2) que será assumido neste artigo.

2.1.O tempo

Klein (1994) defende que a marca gramatical de *tempo* de um verbo, predicado ou sentença é dada pela relação entre seu momento de tópico (TT) e seu momento de fala (TU). Como dissemos, no caso das sentenças em (6), o TT é o momento em que o falante chega, marcado pela oração subordinada. Tomando os exemplos em (6), repetidos como (7-9), aplicamos a noção do autor para exemplificar a sua análise da expressão do tempo nas línguas naturais. Acrescentaremos aos exemplos em (a), uma figura em (b), que pode ajudar a compreender a posição do evento no tempo, em relação ao momento de fala.⁶

- (7) a. Quando eu cheguei, a luz *estava acesa*.

⁶ As ilustrações mostram uma entre as tantas situações possíveis que tomariam verdadeiras as sentenças usadas como exemplo.

b.

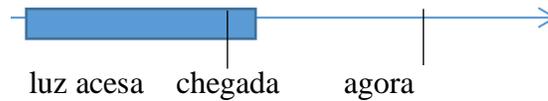


Figura 1 – Expressão do passado

Se o tempo é a relação entre o momento de tópico (TT) e o momento da fala (TU), quando o *TT é anterior ao TU* ($TT < TU$), a morfologia de *passado* é utilizada, como na sentença (7a). De fato, o que a sentença (7a) enuncia é que o TT (*quando eu cheguei*) é anterior ao TU (agora, por exemplo). A figura em (7b) ilustra a relação de anterioridade de TT (chegada) em relação a TU (agora). Vejamos o exemplo que expressa o tempo presente.

(8) a. Quando eu chego, a luz *está acesa*.

b.

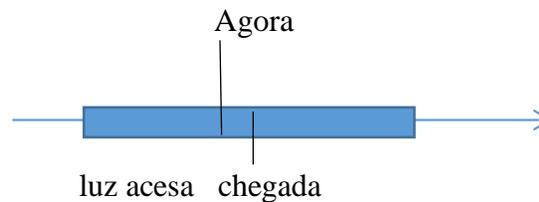
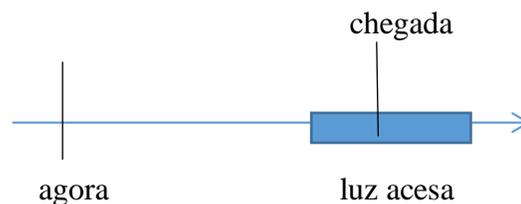


Figura 2 – Expressão do presente

Considerando a mesma relação entre o momento de tópico (TT) e o momento da fala (TU), podemos dizer que, quando o *TU está incluído no TT* ($TU \subseteq TT$), a sentença descreve um estado ou um evento ancorado no *presente*. A sentença (8a) apresenta o TT (*quando eu chego*) no presente, que equivale ao TU (agora). Essa relação leva a oração (*a luz estar acesa*) a ser marcada pela flexão gramatical de *presente* (*a luz está acesa*). A figura em (8b) ilustra a relação de inclusão do momento de fala (agora) no momento de tópico (chegada). Observemos, por fim, o exemplo no futuro.

(9) a. Quando eu chegar, a luz *estará acesa*.



b. **Figura 3 – Expressão do futuro**

Ao se colocar o momento de tópico (TT) numa posição *posterior* ao momento da fala (TU) (TT>TU), a relação temporal estabelecida entre TT e TU é de *futuro* (9a), daí o uso dessa morfologia (*a luz estará acesa*). A figura em (9b) ilustra o fato de TT (chegada) ser posterior ao TU (agora). Observe que, mesmo que a luz estivesse acesa desde o momento da fala, a flexão seria de futuro por causa da localização do TT em relação ao TU.

Exposta a proposta de análise para o tempo, vamos explorar o que Klein (1994) aborda sobre aspecto.

2.2.O aspecto

O aspecto é uma forma linguística importante de se expressar a temporalidade dos eventos, para além das noções de presente, passado e futuro. Na literatura sobre o tema, costumamos encontrar uma diferença importante entre dois tipos de aspecto: o *aspecto gramatical*, cuja característica básica é apresentar questões temporais relativas ao evento considerando o momento de tópico, sendo, em geral, marcado na gramática temporal de muitas línguas por meio de sua morfologia ou de itens lexicais funcionais específicos; e o *aspecto lexical*, cuja característica básica é apresentar questões temporais relativas à forma como as línguas expressam os eventos ou os estados do mundo em seu léxico ou em seus sintagmas, mas sem haver, necessariamente, morfologia e sintaxe específicas para esse fim. Começaremos pelo primeiro tipo de aspecto.

2.2.1. O aspecto gramatical

O aspecto gramatical recebe esse nome por conta de seu modo de expressão nas línguas naturais: em geral, as noções de perfectividade ou imperfectividade são expressas diretamente pela gramática das línguas e são visíveis a partir de sua morfologia e/ou através de itens lexicais específicos. Na literatura tradicional, é comum considerar-se que o aspecto gramatical de um predicado expressa uma visualização interna da situação expressa pelo predicado. Esta seria vista como completada (aspecto

perfectivo) ou como em andamento (aspecto imperfectivo) (COMRIE 1976, BERTINETTO 1982, entre outros). Assim, o aspecto não expressaria qualquer relação entre os intervalos de tempo pertinentes para a localização temporal da sentença, tal como fazem as noções de tempo.

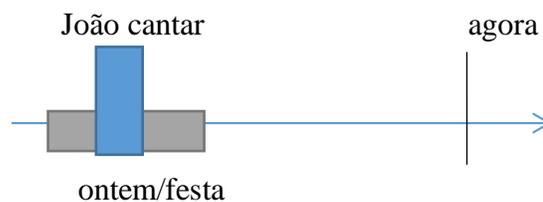
Diferentemente de outras propostas na literatura, que consideram apenas o tempo como uma categoria relacional (COMRIE 1976, SMITH 1991, entre outros), Klein (1994) propõe que o *aspecto gramatical* também é uma categoria relacional. No caso do aspecto gramatical, a relação se dá entre o momento do tópico (TT) e o momento da situação (TSit) de uma sentença. O autor explora essa questão por considerar as definições tradicionais que assumem que o aspecto expressa um ponto de vista em relação ao evento ou estado são muito imprecisas e difíceis de serem verificadas na sentença.

Por abandonar tal concepção e considerar que aspecto seja a relação entre o momento de tópico e o momento da situação, Klein (1994) propõe que as noções aspectuais sejam analisadas a partir das noções de inclusão, anterioridade ou posterioridade entre esses intervalos de tempo. Assim, o autor sugere definições para algumas subcategorias de aspecto gramatical. Vamos discutir duas das mais analisadas na literatura que serão relevantes para nossa análise: perfectivo e imperfectivo.

Intuitivamente, a primeira recebe esse nome por descrever o evento ou estado de forma completa. A segunda, de forma oposta, recebe o nome da intuição de que não se sabe quando o evento começa, nem quando, e se, ele termina. Para Klein (1994), essas noções são melhor esclarecidas, quando se considera que: i) se o TSit está incluído no TT ($TSit \subseteq TT$), temos o aspecto perfectivo (10a); e ii) se o TT está incluído no TSit ($TT \subseteq TSit$), temos o imperfectivo (11a). Inserimos as figuras de representação, para contribuir com as explicações que vêm a seguir,

(10) a. Ontem na festa da escola, João *cantou*.

b.



Em (10a), a sentença mostra que o evento de *João cantar* está incluído

Figura 4 – Expressão do aspecto perfectivo

num intervalo de tempo maior, que é a duração da festa ocorrida ontem. Vemos claramente que o intervalo de tempo relativo ao evento de *João cantar*, que é a situação em evidência, ou seja, é TSit, está inserido completamente no intervalo de tempo relativo ao evento da festa, que é o momento de

tópico (TT). É exatamente isso o que a representação em (10b) mostra: TSit (*João cantar*) está inserido em TT (ontem/festa), ilustração típica do aspecto perfectivo (TSit \subseteq TT). O aspecto imperfectivo apresenta a relação oposta.

(11) a. Quando eu cheguei na festa, João *estava cantando*.

b.

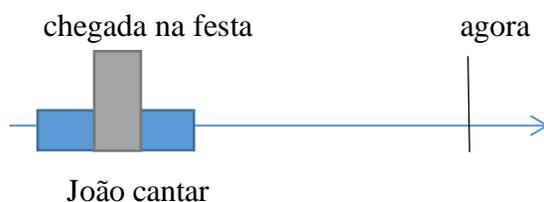


Figura 5 – Expressão do aspecto imperfectivo

A sentença em (11a) expressa que o evento de João cantar estava em curso quando da chegada do falante. Voltando à noção primeira do imperfectivo, a sentença não mostra quando João começou a cantar, nem mesmo se ele terminou (imagine que ele continuou cantando, mesmo depois que a festa acabou). Assim, para Klein, a noção de imperfectividade deriva da relação de inclusão do momento de tópico (a chegada do falante) no momento da situação (*João cantar*). Essa relação é ilustrada na figura 5, em que o TT está incluído em TSit (TT \subseteq TSit).

Em geral, o aspecto progressivo é considerado um subtipo do aspecto imperfectivo. Neste trabalho, seguindo a proposta de Klein (1994) para o inglês e por não termos a intenção de discutir todos os pormenores das teorias sobre o aspecto, estamos considerando que o progressivo seja a expressão típica desse aspecto em PB.⁷ Assumimos isso porque nos permite tornar mais clara a distinção entre tempo e aspecto, já que o progressivo aparece em diferentes tempos verbais, sendo extremamente produtivo em português brasileiro e no inglês.

Passaremos agora às características lexicais dos predicados quanto a suas descrições de situações.

2.2.2. O aspecto lexical

⁷ Klein (1994) não distingue *progressivo* de *imperfectivo* e coloca a perífrase ‘is+V-ing’, do inglês, como a expressão do imperfectivo. Por questão de simplicidade, vamos manter essa indistinção.

Na seção anterior, indicamos que há basicamente dois tipos de aspecto: um gramatical, que na proposta de Klein (1994) se dá na relação entre o momento de tópico e o momento da situação, e outro lexical, dado a partir das propriedades do predicado em si. É sobre o último que trataremos nesta seção.

Smith (1991) considera que o aspecto lexical diz respeito aos “tipos de situações”, também conhecidas por *aktionsarten*. Esses tipos de situações são as quatro classes de verbos propostas por Vendler (1957; 1967): *estados*, *atividades*, *accomplishments* e *achievements*. Para autores como Smith (1997) e Wachowicz e Foltran (2006), entre outros, o aspecto lexical é dado pelo verbo, seus complementos e outros elementos que estejam envolvidos na composição do predicado, ou seja, pelo sintagma verbal. Neste trabalho, ressaltamos que as classes vendlerianas (aspecto lexical) contribuem de forma importante para as interpretações temporais dos predicados (SMITH 1991, ROTHSTEIN 2004, WACHOWICZ e FOLTRAN 2006, WACHOWICZ 2008).

Rothstein (2004) propõe que as quatro classes de Vendler (*estados*, *achievements*, *atividades* e *accomplishments*) sejam determinadas de acordo com duas propriedades básicas: telicidade e estágios (\pm télico; \pm estágios). Vamos assumir que telicidade seja dada pela presença clara de um ponto final (em grego, *telos*) em um evento denotado por uma expressão linguística. Em geral, esse ponto final é também associado a uma mudança de estado. Assim, eventos como *escrever um soneto* ou *sair* possuem naturalmente um ponto final e sua duração depende desse *telos*: quando o escritor escreve o último verso do poema, pode dizer que escreveu um soneto (ou tem um soneto pronto); já o evento de sair só ocorre no exato momento em que a pessoa ultrapassar um limite específico (enquanto não o faz, não saiu). Por outro lado, eventos atélicos, como *correr* ou *ser brasileiro*, são aqueles que não possuem um ponto final natural e sua duração é delimitada arbitrariamente: alguém pode correr por horas a fio (ou meses, como *Forrest Gump*), mas, em geral, as pessoas delimitam essas atividades (como 1h ou 2h por dia); alguém pode ficar deitado por um período de tempo indefinido (mas, novamente, arbitrariamente, as pessoas costumam colocar limites nesses estados).

Para Rothstein (2004), ter estágios é a segunda propriedade capaz de diferenciar as classes de Vendler. Podemos entender essa propriedade assim: um evento tem estágios se ele tem diferentes subeventos que ocorrem em momentos diferentes. Atividades, como denotadas por *correr*, tem subeventos de corrida (os passos rápidos, a alternância das pernas, por exemplo), que, juntos, formam o evento maior de correr. Por outro lado, todas as partes de um estado de ser brasileiro são idênticas.

Aqui está, portanto, a diferença básica entre estados e atividades: estas possuem estágios; aqueles, não.

Ainda com relação aos estágios, são eles também que diferenciam os eventos télicos entre si. Enquanto situações como *escrever um soneto* têm estágios (como cada palavra ou cada verso do poema), outras como *sair* não os possuem (não há estágios menores que formam o pedaço de uma saída). Desse modo, ficam diferenciados os *accomplishments* (com estágios), dos *achievements* (sem estágios).

Assim, com base nas propriedades [\pm télico] e [\pm estágios], Rothstein (2004) propõe a seguinte caracterização para as classes de Vendler, apresentada no quadro 1, a seguir.

CLASSES DE VENDLER – PROPRIEDADES			
Classe	\pm estágios	\pm télico	Exemplos
ESTADOS	–	–	<i>ser brasileiro, estar deitado</i>
ATIVIDADES	+	–	<i>correr, nadar</i>
ACHIEVEMENTS	–	+	<i>sair, vender a casa</i>
ACCOMPLISHMENTS	+	+	<i>ler o livro, escrever um soneto</i>
Quadro 1 – Classes de Vendler – aspecto lexical			

Neste artigo, vamos verificar qual é a relação possível de se estabelecer entre o aspecto lexical, o aspecto gramatical e o tempo não-marcado/presente simples em línguas com sistemas temporais distintos.

3. O aspecto e as interpretações do tempo não-marcado.

Nesta seção, investigaremos como é gerada a interpretação de presente, simultânea ou habitual, pelo tempo não-marcado nos dois tipos de sistemas temporais: passado vs. não-passado e futuro vs. não-futuro. É importante notar que essa interpretação é gerada por marcas temporais que possuem escopos distintos em cada tipo de sistema. Em 3.1 apresentamos um panorama geral sobre o funcionamento dos tempos não marcados em sistemas passado vs. não-passado e futuro vs. não-futuro. A seguir, em 3.2, descrevemos em detalhe a interpretação de presente para o tempo não marcado simples no português brasileiro e no inglês. Fazemos o mesmo para o Karitiana na seção 3.3.

3.1. Tipos de sistemas temporais: passado vs. não-passado e futuro vs. não-futuro

Nesta seção, vamos apresentar os sistemas temporais em foco neste trabalho: passado vs. não passado e futuro vs. não-futuro. Vamos também mostrar a suas especificidades para que se possa prosseguir na análise de suas interpretações. Estudos tipológicos e formais têm mostrado que a distinção entre esses dois tipos de sistemas é relevante para o estudo das categorias TAME – *tempo, aspecto, modalidade & evidencialidade* - nas línguas naturais (GUÉRON e LECARME 2004, 2008). Como dissemos na introdução, Comrie (1985) propõe que os sistemas temporais das línguas naturais estão organizados em torno de duas dicotomias básicas: sistemas de tipo passado vs. não-passado e sistemas de tipo futuro vs. não-futuro. A distinção entre passado vs. não passado e futuro vs. não futuro influencia diretamente na interpretação da morfologia não-marcada.

A maioria das línguas europeias e, em particular, o PB e o inglês, possui um sistema cuja oposição básica é de tipo passado vs. não-passado. A expressão do futuro nessas línguas tem sido considerada por muitos como parte do sistema aspectual e/ou modal da língua (ver ABUSH 1998, 2004). Em sistemas desse tipo, a interpretação da morfologia do presente simples (o não-passado) é canonicamente de presente ou de futuro, sendo que a interpretação de passado é impossível,⁸ como ilustram as sentenças (15a-c) do português brasileiro e as sentenças (16a-c) do inglês.

- (15) a. *O João escreve um poema ontem.
b. O João escreve um poema todos os dias.
c.

O João escreve um poema amanhã (eu garanto!).

- (16) a. *John works at home yesterday.
b. John works at home every day.
c. John works at home tomorrow (I promise!)

Nessas línguas, a morfologia de não-passado marca que o momento da fala está incluído no momento do tópico, que pode abarcar tanto o momento da fala como os momentos posteriores a ele.

⁸ Na verdade, o presente simples pode ser usado para falar do passado como, por exemplo, em *Em 1953, o telefone chega em Curitiba*. Consideramos esse uso do presente como possível porque o enunciado simula mudar o momento da fala para o passado. Não trataremos desse uso.

Se a interpretação é de presente temos que o momento da fala está incluído no momento do tópico, como na sentença do português brasileiro em (17a), ou coincide com ele, como em (17b), também do PB. Por outro lado, se a interpretação é de futuro, temos que o momento do tópico é posterior ao momento de fala, tal como ocorre nas sentenças em (18a-b) do português brasileiro.

- (17) a. Maria nada regularmente.
b. Maria está em casa neste momento.

- (18) a. Maria parte para a França no próximo domingo.
b. Maria chega amanhã.

Línguas com sistemas de tipo futuro vs. não-futuro ainda foram pouco estudadas pela literatura formalista. O Karitiana (STORTO 2012), o Tupi Antigo (ANCHIETA 1595), o Quechua (CUSIHUAMAN 1976), algumas línguas norte americanas, como o St'át'imcets e o Gitxan (MATTHEWSON 2006, JÓHANSDDOTTIR e MATTHEWSON, 2007) exemplificam esse tipo de sistema, no qual, a interpretação do tempo gramatical não-futuro é potencialmente indeterminada entre presente e passado. Assim, a marca gramatical do tempo não-futuro nessas línguas pode ser usada nos seguintes casos: quando o momento da fala é simultâneo ou está contido no momento do tópico, o que resulta em uma interpretação de presente simultâneo ou habitual, como em (19a-b) do Karitiana; e quando o momento do tópico é anterior ao momento da fala, o que resulta em uma interpretação de passado, como em (19c), do Karitiana. A interpretação de futuro é impossível para esse tempo, como ilustra a impossibilidade da sentença (19d) também da língua Karitiana. A sentença (19e) mostra o futuro na língua.

(19)

- a. Sara Ø-na-aka-t akan i-aka-t ka'abm.⁹ PRESENTE SIM
Sara 3-DCL-COP-NFT aldeia PART-COP-ABS agora
'Sara está na aldeia agora.'

⁹ Os dados da língua Karitiana foram coletados por Ana Müller em trabalho de campo.

As abreviaturas utilizadas nas glosas para o Karitiana são: 1s: primeira pessoa do singular; 3 = 3ª pessoa; ABS = concordância absoluta; CAUS: causativo; COP = copula; DCL = declarativo; IMPV = imperfectivo; NFT = não-futuro; PART = participio; POS = posposição; RED = reduplicação; VT = vogal temática.

- b. Y-ongoot Ø-na-aka-t i-pon-t o'ep tyyt. PRESENTE HAB
 1s-neto 3-DCL-COP-NFT PART-atirar-ABS arco também
 ‘Meu neto também caça com arco.’
- c. Sara Ø-na-aka-t akan i-aka-t koot. PASSADO
 Sara 3-DCL-COP-NFT aldeia PART-COP-ABS ontem
 ‘Sara esteve na aldeia ontem.’
- d. *Sara Ø-na-aka-t akan i-aka-t dibm. FUTURO
 Sara 3-DCL-COP-NFT aldeia PART-COP-ABS amanhã
 ‘Sara estará na aldeia amanhã.’

Em (19a), o verbo de cópula *aka*, com a marca de não-futuro *-t*, co-ocorre com o advérbio de tempo *ka'abm* (‘agora’), que caracteriza o momento de tópico. Temos assim uma interpretação de que o evento de *Sara estar na aldeia* é simultâneo ao momento do tópico. Em (19b), temos a expressão de um hábito. Já em (19c), com o mesmo verbo, a interpretação pode ser diferente. Nesse caso, o verbo de cópula *aka*, com a marca de não futuro *-t* está combinado com o advérbio de tempo *koot* (‘ontem’), que marca o momento do tópico da sentença. Neste caso, a interpretação é de passado.

É interessante observar que os sistemas temporais descritos acima são espelhares, ou seja, enquanto aquele com morfologia de passado permite que o predicado flexionado no presente possa ter interpretação de simultâneo, habitual e futuro, nas línguas com morfologia de futuro, o predicado flexionado para não-futuro tem interpretação de simultâneo, habitual e passado. Cabe, então, perguntar se essa simetria se mantém após uma análise mais aprofundada das interações do tempo não-marcado com o aspecto lexical. Iremos enfrentar essa questão na sequência deste artigo, iniciando, na próxima seção, pela investigação das interações entre o tempo não marcado simples em português e em inglês em relação aos diferentes tipos de aspecto lexical.

3.2. A interpretação de presente em línguas passado vs. não passado – o caso do português brasileiro e do inglês

Nesta seção, trataremos das interações entre a interpretação habitual ou simultânea dos tempos não marcados em português e em inglês em relação aos diferentes tipos de aspecto lexical: estados, *accomplishments*, *achievements* e atividades. Como vimos, línguas de tipo passado vs. não-passado permitem que seu tempo não-marcado seja interpretado como presente ou como futuro. Sabe-se, entretanto, que a disponibilidade dessas interpretações está sujeita a certas restrições que dependem, entre outras coisas, do aspecto lexical do predicado e do sistema aspectual da língua e que, portanto, podem variar de língua para língua (SMITH, 2008; LACA, 2012).

Para tratarmos mais profundamente das classes aspectuais, devemos expor a diferença de leitura que ocorre entre duas classes de predicados estativos: *individual level* e *stage level*.¹⁰ O primeiro grupo denota propriedades que são estáveis em uma entidade ao longo do tempo e do espaço, como o caso de *ser alto*. Por essa razão, é de se esperar que, aparecendo no presente, possam ter leitura habitual ou genérica como em (20a) e (21a), mas que fiquem estranhas em sentenças com advérbios que expressam intervalos de tempo limitados ou com leituras que expressam intervalos pontuais como o momento da fala (20b). Como se vê, os dados do PB e do inglês em (20-21) confirmam a previsão.

- (20) a. João é alto.
b. ??#João é alto neste exato momento.
- (21) a. John is tall.
b. ??#John is tall right now.

Por outro lado, predicados estativos do tipo *stage level* denotam propriedades que são transitórias ao longo do tempo e do espaço, como o caso de *estar cansado*. Por isso, é de se esperar que possam ocorrer tanto com leituras habituais/genéricas ((22a) e (23a)), quanto com simultâneas ((22b) e (23b)). Como se vê, os dados do português apresentados em (22-23) atestam a previsão feita.

- (22) a. Normalmente, João está cansado.
b. João está cansado agora.
- (23) a. John is usually tired.
b. John is tired now.

¹⁰ Sobre estativos *individual level* e *stage level* ver Carlson (1977), Kratzer (1995) e Chierchia (1995).

No português brasileiro e no inglês, os predicados *accomplishments* em sentenças no presente simples geram uma leitura habitual ou genérica, conforme se vê em (24a-b), mas não uma interpretação simultânea o que é ilustrado pela inadequação dos enunciados em (25a-b). A leitura de simultaneidade exige a presença da perífrase de progressivo como ilustrado em (26a-b).

- (24) a. Usually, John eats a sandwich for lunch.
b. Geralmente, João come um sanduíche no almoço.
- (25) a. #John eats a sandwich right now.¹¹
b. #João come um sanduíche nesse exato momento.
- (26) a. John is eating one sandwich right now.
b. João está comendo um sanduíche neste exato momento.

De modo similar, nas mesmas línguas, predicados *achievements* no não-passado simples resultam em uma leitura genérica ou habitual (27a-b) e não permitem uma leitura simultânea (28a-b), além de restringirem a interpretação do progressivo (29a-b) a uma eventualidade que está prestes a ocorrer, ao contrário da leitura de simultaneidade, como ocorre com *accomplishments*, conforme se observa em (26), acima.

- (27) a. Generally, John leaves at 4:00 pm.
b. Geralmente, João sai às 4 da tarde.
- (28) a. #John leaves right now.
b. #João sai nesse exato momento.
- (29) a. John is leaving right now.
b. João está saindo neste exato momento.

Finalmente, as atividades no presente simples também geram uma leitura habitual ou genérica no português brasileiro e no inglês, como se pode observar nos dados em (30a-b), não permitindo

¹¹ São raros os casos do uso do presente simples para se referir ao exato momento da fala, como o de uma narração (*O jogador domina, chuta e a bola vai pra fora.*). Esses casos são especiais e não serão discutidos por este artigo (veja Smith 1991 e Ferreira 2005, entre outros)..

uma leitura simultânea nesse contexto, como se pode observar em (31a-b), a qual requer o progressivo, como ilustrado em (32a-b).

- (30) a. Generally, John swims at 4:00 pm.
b. Geralmente, João nada às 4 da tarde.
- (31) a. #John swims right now.
b. #João nada nesse exato momento.
- (32) a. John is swimming right now.
b. João está nadando neste exato momento.

O quadro 2, a seguir, resume a interação entre o aspecto lexical e o presente simples (não-passado), mostrando se este possui a interpretação habitual/genérica e/ou a interpretação simultânea em duas línguas de distinção passado vs. não passado - o inglês e o português brasileiro. A análise deste padrão de comportamento será apresentada na seção 4.

Classe	Leitura habitual/genérica	Leitura de simultaneidade
ESTADOS (<i>INDIVIDUAL LEVEL</i>)	SIM	SIM
ESTADOS (<i>STAGE LEVEL</i>)	SIM	SIM
ACHIEVEMENTS	SIM	NÃO
ATIVIDADES	SIM	NÃO
ACCOMPLISHMENTS	SIM	NÃO
Quadro 2 - Relação entre aspecto lexical e não-passado em português brasileiro e inglês (línguas passado/não-passado).		

Por fim, é importante notar que não fizemos menção ao aspecto gramatical denotado pelo presente simples nas duas línguas. Na literatura sobre o aspecto do inglês, o aspecto do chamado *simple present* é muitas vezes classificado como imperfeito (cf.: COMRIE, 1976). Alguns autores, no entanto, o classificam como perfeito (cf.: SMITH 1991, GIORGI e PIANESI 1997). Já para o português, Ferreira (2005) classifica o presente simples como denotando aspecto imperfeito. Por hora, vamos deixar essa questão em aberto, mas voltaremos a ela mais adiante.

Feitas essas considerações, a questão que poderíamos colocar nesse momento é: nas línguas que fazem distinção futuro *vs.* não-futuro, a relação entre a interpretação temporal de presente e a aspecto lexical dos predicados seria a mesma? Começaremos a traçar um caminho para essa resposta a partir dos dados do Karitiana.

3.3. A interpretação do tempo simples em Karitiana, língua de tipo futuro *vs.* não-futuro

Nesta seção, tratamos das interações entre a interpretação habitual ou simultânea do tempo não-marcado em Karitiana em relação ao aspecto lexical. Primeiramente, é preciso dizer que ainda não se tem uma ampla descrição das leituras possíveis para o tempo não-futuro em sua interação com o aspecto lexical e com o aspecto gramatical em línguas cuja distinção básica seja exatamente entre futuro *vs.* não-futuro, com algumas exceções em Matthewson (2006), Johannsdotir e Matthewson (2007) e Sun (2014).

A língua Karitiana, falada no noroeste do Brasil por uma população indígena de cerca de 350 pessoas (STORTO e VAN DER VELDEN, 2005), é a única sobrevivente da família Arikén (tronco Tupi) e tem como distinção básica futuro *vs.* não-futuro. Sabe-se muito pouco sobre a semântica do sistema aspecto-temporal do Karitiana.¹² Nessa língua, as sentenças matrizes são sempre marcadas para pessoa, modo, tempo gramatical e aspecto¹³. Por outro lado, suas orações subordinadas são apenas marcadas para aspecto. No entanto, a marcação aberta do aspecto não é obrigatória. Esse comportamento está ilustrado em (33). Note que o sintagma verbal da oração principal *aka soo* ('copula ver') está abertamente flexionado para pessoa, modo e tempo. Por outro lado, o sintagma verbal da oração subordinada *tat* ('sair') não possui morfologia gramatical.

- (33) Yn Ø-na-aka-t i-soo-t João tat<a>-ty
 eu 3-DCL-COP-NFT PART-ver-ABS João ir<VT>-OBL
 'Eu vi que o João saiu'

O padrão de concordância da língua é ergativo-absolutivo, ou seja, verbos intransitivos ou transitivos indiretos concordam com o sujeito e verbos transitivos diretos concordam com seu objeto direto.¹⁴ Em construções de copula como a oração principal em (33), esse padrão é invertido.

¹² Storto (2012) apresenta uma descrição geral da morfologia funcional do sintagma verbal do Karitiana. Carvalho (2009) descreve a semântica do auxiliar imperfeito *tyka*. Müller (2016) apresenta uma primeira descrição da interpretação da flexão de não-passado na língua.

¹³ A marcação aberta do aspecto é opcional tanto nas orações matrizes como nas orações subordinadas.

¹⁴ Nossa descrição dos aspectos gerais do Karitiana baseia-se em Storto 1999.

A oração subordinada em (33) ilustra a concordância de um verbo transitivo indireto *soo* ('ver') com seu sujeito. Já a sentença (34) ilustra a concordância de um verbo transitivo direto com seu objeto.

- (34) an y-ta-oky-t yn.
 você 1S- DCL-machucar-NFT eu
 'Você me machucou.'

Como dissemos, as sentenças principais do Karitiana são morfologicamente marcadas para os tempos futuro ou não-futuro. Essa morfologia é obrigatória. Ela pode estar sufixada a todos os componentes do sistema verbal ou, opcionalmente, apenas a seu último constituinte (verbo, auxiliar, ou marcador evidencial). Nas sentenças (35a-b), temos um exemplo de sentença no modo declarativo nos tempos futuro (-i) e não-futuro (-t), respectivamente. Karitiana possui um grupo de marcadores aspectuais ainda pouco descritos e que ocorrem após o verbo, como ilustrado em (36).¹⁵

- (35) a. An Ø-naka-y-j opok.ako.sypi
 Você 3-DCL-comer-FUT ovo de galinha
 'Você vai comer ovo.'

- b. An Ø-naka-y-t opokakosypi
 Você 3-DCL-comer-NFT ovo de galinha
 'Você comeu ovo.'/ 'Você come ovo.'

- (36) Maria Ø-naka-'y ty-ka-t kinda'o
 Maria 3-DCL-comer IMPF-DEI-NFT fruta
 'Maria está comendo fruta.'

Passamos agora a investigar as leituras de presente possíveis para a flexão de não-futuro na língua Karitiana. Primeiramente, vejamos de que modo, nessa língua, um verbo estativo *individual level*, como *saber*, pode ser interpretado com a marcação de não-futuro: *-t*. Lembramos que uma interpretação de passado é sempre possível para essa flexão. Essa interpretação, entretanto, será deixada de lado nos próximos dados por não ser relevante para o foco deste artigo.

¹⁵ Com a exceção da partícula aspectual *-tyka*, que marca imperfectivo/progressivo na língua, que foi estudada por Carvalho (2009, 2010).

- (37) Matemática-ty Ø-na-pypytyt-t Fernando
matemática-OBL 3-DCL-saber-NFT Fernando
‘Fernando sabe matemática’

Nesse caso, o predicado estativo *individual level de saber matemática*, no não-futuro, deve ser interpretado como uma propriedade inerente a Fernando. Isso significa que a leitura de (37) é genérica e que, ainda que válido no momento de fala, não pode ser restrito a ele. Por outro lado, os predicados estativos *stage level*, como *aka osedn* (‘estar feliz’), possuem tanto a leitura habitual (38a), quanto a leitura simultânea (38b).

- (38) a. Inácio Ø-na-aka-t osedn apyndat i-aka-t
Inácio 3-DCL-COP-NFT feliz sempre PART-COP-ABS
‘O Inácio esta’ sempre feliz’
- b. Yn Ø-na-aka-t i-osedn<a>t concurso-ty y-kotkot
eu 3-DCL-COP-NFT PART- feliz <VT>- ABS concurso-OBL 1S-atravesar
tykiri.
porque
‘Eu estou feliz porque eu passei no concurso.’

Como podemos observar, nas sentenças em (38a-b), o predicado *aka osedn* (‘estar feliz’), no não-futuro, é compatível tanto com leituras habituais (38a), como aquelas ressaltadas por *apyndat* (sempre), quanto com leituras simultâneas (38b). Nesse sentido, podemos afirmar que há uma semelhança com relação aos predicados estativos entre o português e o inglês, línguas de distinção passado vs. não-passado e uma língua de distinção futuro vs. não-futuro, como o Karitiana.

Para predicados de *accomplishments*, com a marcação de não-futuro, os dados revelam que esses predicados não podem ter leitura simultânea, como se tentou fazer com *’at abi* (‘construir uma casa’) em (39), e com *cartilha lee* (‘ler a cartilha’) em (40). Por outro lado, uma leitura habitual de outro predicado *accomplishment*, como *tat São Paulo pip* (‘ir para São Paulo’), em (41), e *’a myhint boet* (‘fazer um colar’) em (42), é perfeitamente possível. Nesse sentido, as possibilidades de leituras dessa língua, até aqui, são semelhantes àquelas que ocorrem em português brasileiro e em inglês.

(39) Contexto: O pai de Cledson comprou um terreno e está construindo uma casa em Porto Velho.

#Cledson'it	∅-naka-m-'a-t	abi	Porto Velho-pip. ¹⁶
Cledson-pai	3-DCL-CAUS-fazer-NFT		casa Porto Velho-POS
(i-doo	padni	abi)	
(part-terminar não	casa)		

Significado pretendido: 'O pai do Cledson está construindo uma casa em Porto Velho (mas ele ainda não terminou).'

(40) #Cartilha-ty ∅-naka-lee-t Inácio ka'abm
 Cartilha-OBL 3-DCL-ler-NFT Inácio agora
 Significado pretendido: 'Inácio está lendo a cartilha neste momento.'

(41) Inácio ∅-na-aka-t i-ta-tat<a>t São Paulo-pip
 Inácio 3-DCL-cop-NFT PART-ir-RED<VT>ABS São Paulo-POS
 'Inácio vai para São Paulo frequentemente'

(42) Otooot ∅-naka-m-'a-t myhin-t boet Milena
 dia-a-dia 3-DCL-CAUS-fazer-NFT um-ADJ colar Milena
 'Milena faz um colar por dia.'

De forma similar, também os predicados de *achievement* em Karitiana podem ser interpretados habitualmente, como se vê em (45-46). Os dados em (43-44) ilustram a impossibilidade de uma leitura simultânea, o que parece ser uma característica translinguística desses predicados de significado pontual (GIORGI e PIANESI 1997).

(43) #Ka'bm ∅-naka-pop-∅ Carlos.
 agora 3-DCL-morrer-NFT Carlos
 # 'Carlos morre agora.'

(44) Contexto: Inácio põe o pé na soleira da porta. Ele diz:

#Yn	∅-na-aka-t	i-otam-t
Eu	3-dcl-cop-nft	part-chegar-abs

¹⁶ Estamos usando '#' para indicar que a leitura pretendida não é possível, mas que a sentença não é necessariamente agramatical.

‘Eu chego.’

(45) Kerepdai apyndat Ø-na-mangat-Ø João
cedo muito 3-DCL-levantar-NFT João
‘João acorda muito cedo (habitualmente).’

(46) Him.bi Ø-na-aka-t i-akyno-t domingo-pip
carne.lugar 3-DCL-COP-NFT PART-close-ABS domingo-em
‘Churrascarias fecham aos domingos.’

Na classe das atividades, o Karitiana também exibe um comportamento semelhante ao de línguas como o português brasileiro e o inglês: quando esses predicados estão no não-futuro, eles permitem a leitura habitual (ver 47-48), mas não permitem a leitura simultânea (ver 49-50). Vejamos os dados.¹⁷

(47) Ana Ø-na-aka-t i-pytimadn<a>t USP-pip
Ana 3-DCL-COP-NFT PART-trabalhar<VT>ABS USP-POS
‘Ana trabalha na USP.’

(48) ootoot Ø-naka-taganã-t gooj y-mant
dia-a-dia 3-DCL-dirigir-NFT carro 1s-marido
‘Meu marido dirige o carro todos os dias.’

(49) Contexto: Alguém te convida para sair, mas você não pode porque tem de trabalhar.

Você diz:

#y-pykorong padni yn, Ø-na-aka-t i-pytymadn<a>t yn.
1s-poder não eu, 3-DCL-COP-NFT PART-trabalhar<VT>ABS eu

Significado pretendido: ‘Eu não posso, porque eu estou trabalhando.’

(50) #Inácio Ø-na-aka-t i-neng-Ø kabm.
Inácio 3-DCL-COP-NFT PART-deitar-ABS agora
Significado pretendido: ‘O Inácio está deitando agora.’

¹⁷ É necessário dizer que os dados não são completamente claros em relação possibilidade da leitura simultânea com predicados de atividade para o Karitiana. Um de nossos consultores oscilava na aceitação da interpretação simultânea para os predicados de atividade. Aqui se faz necessária uma coleta de dados mais ampla, que envolva uma maior quantidade de dados e falantes. Os dados aqui apresentados foram elicitados com cinco Karitianas.

O quadro 3, a seguir, resume a interação entre o aspecto lexical e o tempo gramatical não-futuro em Karitiana, mostrando suas interpretações possíveis: habitual/genérica e/ou simultânea. O que chama imediatamente nossa atenção é o comportamento idêntico do português, do inglês e do Karitiana em relação às interpretações de presente habitual ou simultâneo de seus tempos não-marcados sem flexão aberta de aspecto.

Classe	Leitura habitual/genérica	Leitura de simultaneidade
ESTADOS (<i>INDIVIDUAL LEVEL</i>)	SIM	SIM
ESTADOS (<i>STAGE LEVEL</i>)	SIM	SIM
ACHIEVEMENTS	SIM	NÃO
ATIVIDADES	SIM	NÃO
ACCOMPLISHMENTS	SIM	NÃO
Quadro 3 - Relação entre aspecto lexical e o tempo não futuro em Karitiana.		

Como dissemos no início da seção, pouco se sabe sobre os sistemas aspecto temporais de tipo futuro *vs.* não-futuro. Em particular, pouco se sabe sobre a semântica dos marcadores e aspectuais da língua Karitiana.¹⁸ Não há estudos sobre a leitura aspectual dos marcadores temporais simples (i.e. futuro e não-futuro). Assim, não temos como afirmar *a priori* se a flexão de não-futuro simples marca aspecto perfectivo, imperfectivo ou é neutra. Retomaremos essa questão mais adiante neste artigo.

Feitas essas considerações, podemos comparar os dois sistemas temporais e propor uma análise para os padrões encontrados. É o que faremos na próxima seção.

4. Análise

Nesta seção, analisaremos os padrões encontrados para as línguas investigadas tendo como pano de fundo o *Bounded Event Constraint* (BEC). Iremos mostrar que o PB, o inglês e o Karitiana comportam-se da mesma forma em relação ao BEC, quanto à interpretação de presente de seus tempos não-marcados.

¹⁸ Sobre o assunto veja Storto 1999, 2002 e Carvalho 2010.

Começaremos por analisar o padrão das leituras simultâneas. Como vimos, a possibilidade de leitura simultânea é bastante restrita nas três línguas investigadas. O quadro 4, na sequência, expõe o modo como essa leitura se relaciona com as classes aspectuais no português brasileiro, no inglês e no Karitiana. Vemos que, para os dois tipos de sistemas temporais e para as línguas investigadas, o comportamento é idêntico: leituras de simultaneidade só são possíveis para os predicados estativos.

Classe	Inglês/Português brasileiro (não-passado)	Karitiana (não-futuro)
ESTADOS (<i>INDIVIDUAL LEVEL</i>)	SIM	SIM
ESTADOS (<i>STAGE LEVEL</i>)	SIM	SIM
ATIVIDADES	NÃO	NÃO
ACHIEVEMENTS	NÃO	NÃO
ACCOMPLISHMENTS	NÃO	NÃO
Quadro 4 – Comparação entre os sistemas temporais: possibilidade de leitura simultânea		

Como dissemos na introdução, Smith (2008) propõe um princípio para explicar a possibilidade ou não de leituras de simultaneidade entre o momento da fala e o momento do evento para o tempo não-marcado – o *Bounded Event Constraint* (BEC). Partindo da concepção de que o momento da fala é pontual, o BEC afirma a impossibilidade de que o momento da fala contenha qualquer evento que possua duração, por menor que esta seja.

Uma consequência do BEC para as línguas em que os tempos não-passado ou não-futuro simples são marcados para aspecto é que a leitura simultânea para predicados de evento só é possível para o aspecto imperfectivo. Isso porque, nesse aspecto, a duração do evento pode conter o momento da fala. Já predicados eventivos marcados para o aspecto perfectivo não permitem uma leitura de simultaneidade, pois o aspecto perfectivo exige que a duração do evento esteja contida no momento da fala, o que é impossível dado que esse momento é pontual. Predicados de estado não são afetados pelo BEC; seja porque seus limites não são nunca demarcados (SMITH 1991); seja porque eles são verdadeiros de todos os pontos da reta temporal (ROTHSTEIN 2004).

Para Smith, em línguas que não marcam diferenças aspectuais, a possibilidade de uma interpretação simultânea está diretamente ligada ao aspecto lexical. Nessas línguas, predicados télicos (*accomplishments* e *achievements*), que são lexicalmente delimitados, não podem ser interpretados como simultâneos ao momento da fala. Já predicados atélicos (estados e atividades),

que não são não lexicalmente delimitados, possuem uma interpretação de simultaneidade ao momento da fala.

Temos então, dois tipos de previsões a serem testadas nas línguas que investigamos:

- (i) Se nessas línguas os tempos não-passado ou não-futuro simples são marcados para aspecto:
 - a. Se o aspecto é imperfectivo, predicados de *accomplishments*, de *achievements* e de atividades devem possuir leituras simultâneas.
 - b. Se o aspecto é perfectivo, predicados de *accomplishments*, de *achievements* e de atividades não devem possuir leituras simultâneas.
 - c. Predicados de estado sempre possuem leituras simultâneas, independentemente de sua marca aspectual.

- (ii) Se os tempos não-passado ou não-futuro simples não são marcados para aspecto:
 - a. Predicados de estados e de atividades – os predicados atélicos - devem possuir leituras simultâneas.
 - b. Predicados de *accomplishments* e de *achievements* não devem possuir leituras simultâneas.

A abordagem de Smith (1991) relaciona diretamente o momento da fala ao momento da situação. Na teoria que adotamos (KLEIN 1994), não há essa relação direta: ela é mediada pelo aspecto gramatical definido como uma relação entre o momento da situação e o momento do tópico. O aspecto imperfectivo, como discutido na seção 2, determina que o momento da situação seja um intervalo de tamanho tal que inclua do momento de tópico em sua duração.

Na leitura simultânea dos tempos não marcados, temos que o momento do tópico é o próprio momento da fala. Assim, dentro da teoria de Klein (1994), o aspecto imperfectivo permite uma leitura de simultaneidade entre o evento e o momento da fala porque o momento da fala é, nesse caso, idêntico ao momento do tópico. Voltemos agora a nossos resultados. Um ponto importante que deve ser ressaltado é que neles não há uma correspondência clara entre a telicidade do predicado e leituras de simultaneidade para os predicados eventivos nos tempos verbais não-passado e não-futuro simples no português brasileiro, no inglês e no Karitiana. Se esse fosse o caso, predicados de atividade nas línguas analisadas deveriam permitir leituras simultâneas, como previsto em (ii-a), o que não acontece.

Como vimos, para Smith (2008), na ausência de marcação aspectual, a leitura de simultaneidade deveria depender da delimitação lexical (da telicidade) do predicado. Nosso resultado indica, portanto, que as três línguas analisadas marcam, mesmo que não abertamente, aspectualmente seu tempo não-marcado simples. Que aspecto seria esse?

Segundo a previsão (i-a), se o aspecto do tempo não marcado nas três línguas analisadas for imperfectivo, a leitura de simultaneidade deve ser permitida. Assim, o comportamento do português brasileiro, do inglês e do Karitiana, nos leva a concluir que o tempo não-marcado carrega a marca de aspecto perfectivo.¹⁹

Passemos agora a discutir e analisar o padrão encontrado nas leituras habituais/genéricas dos tempos não-marcados simples. O quadro 5, a seguir, mostra que as leituras habitual e genérica são compatíveis com todas as classes aspectuais para o tempo não-marcado simples nas três línguas investigadas neste artigo.

Classe	Inglês/Português brasileiro (não-passado)	Karitiana (não-futuro)
ESTADOS (<i>INDIVIDUAL LEVEL</i>)	SIM	SIM
ESTADOS (<i>STAGE LEVEL</i>)	SIM	SIM
ACHIEVEMENTS	SIM	SIM
ATIVIDADES	SIM	SIM
ACCOMPLISHMENTS	SIM	SIM
Quadro 5 – Comparação entre os sistemas temporais: possibilidade de leitura habitual/genérica		

O quadro acima revela, portanto, que o inglês, língua germânica, e o português brasileiro, língua românica, que pertencem a um sistema de distinção passado *vs.* não-passado, como o Karitiana, língua Tupi, que pertence a um sistema de distinção futuro *vs.* não-futuro, permitem a leitura genérica/habitual quando seus predicados estão flexionados para o tempo não-marcado simples.

Smith (1991, 2008) explica essa compatibilidade defendendo que os predicados habituais e genéricos são predicados estativos – eles atribuem uma propriedade a seu sujeito. A análise das sentenças habituais e genéricas como sentenças estativas é canônica na literatura semântica desde

¹⁹Ver Smith (1991) para uma análise de presente simples do inglês como marcado para o aspecto perfectivo.

Krifka et al 1995. Assim, uma sentença como (4) repetida abaixo como (51), atribui a João a propriedade de correr todos os dias. Essa propriedade é verdadeira de todos os momentos ou pontos da reta temporal, independentemente de João estar ou não correndo no momento da fala. Da mesma forma, a sentença (5), repetida abaixo como (52), atribui aos leões a propriedade de comer búfalos. O fato de haver leões comendo búfalos no momento da fala é irrelevante para a verdade ou falsidade da sentença.

(51) João corre todos os dias.

(52) Leões comem búfalos.

A propriedade de valer para todos os pontos da reta temporal – homogeneidade – é característica dos estados (ROTHSTEIN 2004). Então, adotaremos a análise das sentenças genéricas e habituais como estativas. Uma vez aceita essa análise, vemos que o comportamento de nossas três línguas é totalmente coerente com ela. Todos os tipos de aspecto lexical geram a leitura genérica/habitual para o tempo não marcado-simples.

As sentenças habituais e genéricas, no entanto, não nos permitem inferir nada sobre o sistema aspectual das línguas investigadas, pois tanto línguas que possuem a distinção aspectual entre perfectivo e imperfectivo para o tempo não-marcado, como línguas que não a possuem, devem aceitar a leitura habitual/genérica para seu tempo não-marcado. O BEC prevê que sentenças estativas sempre possuem leituras simultâneas, independentemente de possuírem marcação aspectual e, no caso de a possuírem, independentemente do tipo de marca aspectual que carregam.

Nesta seção, vimos que três línguas pertencentes a sistemas temporais distintos e além disso, pertencentes a famílias linguísticas distintas, funcionam de modo idêntico quanto à relação entre o aspecto gramatical e as leituras disponíveis a seus tempos não-marcados. A seguir, concluiremos nosso trabalho discutindo o significado mais amplo de nossas descobertas.

5. Considerações finais

Neste artigo, comparamos línguas de dois tipos de sistemas temporais distintos quanto à interpretação de presente de seu tempo não-marcado simples. Vimos que, embora com escopos distintos nos dois

tipos de sistemas, surpreendentemente, os tempos não-marcados SIMPLES se comportaram de modo idêntico em relação à leitura de simultaneidade ao momento da fala e à leitura habitual/genérica. O ponto de partida para a nossa análise das leituras de presente disponíveis para o tempo não-marcado simples foi o *Bounded Event Constraint* (BEC), proposto por Smith (2008). O BEC nos levou à conclusão de que os tempos não-marcados simples carregam o aspecto perfectivo nas três línguas investigadas, pois apenas os predicados estativos se mostraram compatíveis com a leitura simultânea.

Evidentemente, o tempo não-marcado pode variar translinguisticamente quanto à sua marcação aspectual. No francês, por exemplo, predicados de eventos no tempo não-marcado são imperfectivos, por isso, compatíveis com a interpretação simultânea. Veja, por exemplo, que as sentenças (53) e (54) com o predicado de atividades *fumer* ('fumar') e o predicado de *accomplishments écrire une lettre* ('escrever uma carta') possuem tanto a leitura de simultaneidade ao momento da fala como a leitura habitual/genérica.

(53) Je fume.
eu fumo
'Eu fumo' / 'Eu estou fumando.'

(54) Marie écrit une lettre.
Marie escrever uma carta
'Marie escreve uma carta' / 'Marie está escrevendo uma carta.'

A ausência da leitura de simultaneidade ao momento da fala para o tempo simples nas línguas que investigamos nos faz prever que essas línguas farão uso de outra estratégia para expressar essa interpretação. E isso é o que realmente acontece: as três possuem uma perífrase de progressivo altamente produtiva, como ilustrada para o predicado de atividades *fumar*, *smoke*, *vomaa* nas sentenças (55), (56) e (57) respectivamente.

(55) João está fumando.

(56) João is smoking.

(57) João Ø-na-aka-t tyka-t i-voma-t.

João 3-decl-cop-nft impv-nft part-fumar-abs

‘João está fumando.’

Se esta análise está no caminho certo, ela se constitui em uma forte comprovação do BEC, que, até onde sabemos, não havia sido estendido a línguas de tipo futuro vs. não-futuro. A partir dela, podemos prever que, translinguisticamente, a leitura habitual/genérica seja possível para todas as classes aspectuais no tempo não-marcado simples, isto é, nos tempos não-passado e não-futuro.

Nossa investigação do tempo não-marcado mostrou a existência de uma simetria entre sistemas dois tipos de sistemas temporais que aparentemente são espelhares. Como em qualquer outro trabalho, há muito ainda a ser pesquisado. Nada dissemos sobre as interpretações de futuro que são possíveis para o presente simples em PB e em inglês. Como se comportaria o Karitiana nesse caso? Também não sabemos ainda se há simetria entre os dois sistemas quanto ao escopo do tempo não-marcado progressivo. Esses são os caminhos a serem percorridos por nossas futuras investigações.

Referências

ABUSCH, Dorit. 2004. On the temporal composition of infinitives. In GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline (eds). *The Syntax of Time*. Cambridge: MIT Press, p. 27-54.

_____. 1998. Generalizing Tense Semantics for Future Contexts. In: ROTHSTEIN, S. (ed.) *Events and Grammar*. Kluwer Academic Publishers, p. 13-33.

ANCHIETA, José de. 1595. *Arte da grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*, Coimbra, Antonio de Mariz.

BERTINETTO, Pier Marco. 1982. Intrinsic and extrinsic temporal reference. On restricting the notion of 'reference time'. *Journal of Italian Linguistics*, p. 71-108.

CARLSON, Gregory. 1977. *Reference to kinds in English*. Amherst: University of Massachusetts. Ph.D. dissertation.

CHIERCHIA, Gennaro. 1995. Individual level predicates as inherent generics. In: CARLSON, Gregory; PELLETIER, Francis Jeffrey (eds.) *The Generic Book*, The University of Chicago Press: Chicago, p. 176–223.

COMRIE, Bernard. 1976. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*, Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1985. *Tense*, Cambridge: Cambridge University Press,

CUSIHUAMAN, Antonio. 1976. *Gramática Quechua*. Lima: Ministerio de Educacion/Instituto de Estudios Peruanos.

FERREIRA, Marcelo. 2005. Event Quantification and Plurality. Massachusetts Institute of Technology. Ph.D. dissertation.

JÓHANNSDÓTIR, Kristin; MATTHEWSON, Lisa. 2007. Zero-marked Tense: The Case of Gitksan. *Proceedings of NELS*, 37.

KLEIN, Wolfgang. 2009. How time is encoded. In: KLEIN, Wolfgang; LI, Ping (eds.) *The expression of time*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 39-82.

_____. 1994. *Time in language*. London: Routledge.

KRATZER, Angelika. 1995. Stage-level and individual-level predicates. In CARLSON, Gregory; PELLETIER, Francis Jeffry (eds.) *The generic book*, Chicago: University of Chicago Press, pp. 125-175.

LACA, Brenda. 2012. On modal tenses and tensed modals. In: NISHIDA, Chiyo; RUSSI, Cinzia. *Building a bridge between linguistic communities of the Old and the New World. Current research in tense, aspect, mood and modality*, Rodopi, Cahiers Chronos, p. 163-198.

MATTHEWSON, Lisa. 2006. Temporal semantics in a superficially tenseless language. *Linguistics and Philosophy*, 29 (6), 673-713.

REICHENBACH, Hans. 1947. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company.

ROTHSTEIN, Susan. 2004. *Structuring Events*. Oxford: Blackwell.

SMITH, Carlota. 1991. *The parameter of Aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

_____. 2008. Time with and without tense. In: In GUÉRON, Jacqueline; LECARME, Jacqueline (eds). *Time and Modality*, Berlin : Kluwer, p. 227-249.

STORTO, Luciana. 2002. Algumas categorias funcionais em Karitiana. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'igna (orgs), *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, Gramática e História*. Tomo I. Belém: EDUFPA/UFPA, 2002. p. 151-164.

STORTO, Luciana; VAN DER VELDEN, Felipe Ferreira. 2005. Karitiana. *Povos Indígenas do Brasil*. Disponível em <http://www.socioambiental.org/pib/epi/Karitiana/Karitiana.shtm>. 2005. Acesso em: 03 mar. 2017.

SUN, Hongyuan. 2014. Temporal construals of bare predicates in Mandarin Chinese, Thèse, Université de Nantes, University of Leiden.

VENDLER, Zeno. 1957. Verbs and times. *Philosophical Review*, n. 56, p. 143-160.

_____. 1967. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. 2007. Auxiliary and Aspectualizer verbs: some syntactic and semantic distinctions. *Revista Letras*: Curitiba, n. 73, p. 223-234, set./dez.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. 2008. Telicidade e classes aspectuais. *Revista do Gel*, v. 5, n. 1, p. 57-68.

WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. 2006. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Unicamp, v. 48, p. 211-232.